

UMA ANÁLISE DO CONCEITO DE “*HOMEM CORDIAL*” NA OBRA CASA-GRANDE & SENZALA

Hermenegildo Martins de Sousa Neto¹

RESUMO:

Esse artigo fez uma breve síntese do conceito de Homem Cordial apresentado por Sérgio Buarque de Holanda em seu livro *Raízes do Brasil*, e ao mesmo tempo procurou identificar na obra de Gilberto Freyre, “*Casa-Grande & Senzala*” a presença de elementos que nos permitissem produzir um conceito de Homem Cordial a luz desse autor. Este trabalho não teve como foco trazer novidade as leituras dos dois autores, mas sim, abordar o assunto de uma forma mais didática, tornando possível a sua leitura por pessoas das mais diversas áreas do conhecimento em seus mais variados níveis. Não só identificamos os elementos textuais que nos confirmam a existência de cordialismo na *Casa-Grande & Senzala* como também identificamos argumentos que nos dão a ideia de que a Democracia Racial se perde em uma contradição no uso dos conceitos de público e privado.

Palavras-chaves: Homem Cordial; Cordialismo; Democracia Racial; Família Patriarcal.

AN ANALYSIS OF THE CONCEPT OF “*CORDIAL MAN*” IN THE WORK *CASA-GRANDE & SENZALA*

ABSTRACT:

This article made a brief synthesis of the concept of the Cordial Man presented by Sergio Buarque de Holanda in his book *Raízes do Brasil*, and at the same time sought to identify in the work of Gilberto Freyre, “*Casa-Grande & Senzala*”, the presence of elements that allowed us to produce a concept of Cordial Man in the light of this author. This work did not focus on bringing novelty to the readings of the two authors, but rather on approaching the subject in a more didactic way, making it possible to read it by people from the most diverse areas of knowledge at its most varied levels. Not only do we identify the textual elements that confirm the existence of cordialism in *Casa-Grande & Senzala*, but we also identify arguments that give us the idea that Racial Democracy is lost in a contradiction in the use of the concepts of public and private.

Keywords: Cordial Man; Cordiality; Racial Democracy; Patriarchal Family.

Data da submissão: 29-08-2023

Data do aceite: 27-12-2023

INTRODUÇÃO

O processo de formação de uma sociedade é bastante complexo, e ocorre continuamente, sem pausas. Essa é uma característica presente na história de todos os países ao redor do mundo. Esse processo de formação das nações pode apresentar fortes semelhanças, mas também pode se desenvolver com distinções importantes, levando as nações a percorrerem diferentes caminhos, e possibilitando a cada uma delas, uma identidade social, política e econômica.

Se fossemos descrever as várias características que definiram o processo de formação da sociedade brasileira desde a sua colonização, precisaríamos de várias e várias páginas, o que exigiria uma abordagem muito mais detalhada e profunda, o que acabaria destoando dos objetivos desse artigo. Mas entre tantas características existentes, não é difícil de aceitar que os elementos herdados da colonização portuguesa, foram essenciais para a formação do indivíduo brasileiro, definindo seus traços culturais, sociais e políticos, e por sequência (não temporal, mas circunstancial), ajudando a definir o processo de formação econômica nos primeiros séculos de nossa história.

¹ Mestre em Desenvolvimento Econômico pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Contato: E-mail: hermenegildoneto@hotmail.com

O conceito de o que vem a ser o “Homem Cordial”, devidamente apresentado por Sergio Buarque de Holanda, nos apresenta o indivíduo brasileiro em sua característica mais marcante no processo de formação da sociedade brasileira, o indivíduo que é motivado pelo sentimento e não pelo racionalismo. Fruto da estrutura da família patriarcal rural do Brasil, o Homem Cordial buscava transformar as relações sociais em relações pessoais agradáveis aos seus objetivos, querendo ocupar uma posição preferencial em suas interações sociais. Um indivíduo resistente a ideia de igualdade, impessoalidade, confundindo o público com o privado, colocando esse indivíduo em uma posição de conflito com qualquer arranjo democrático na organização de uma sociedade.

O objetivo desse artigo é reforçar a ideia de que o Homem Cordial não se trata apenas de ilustração literária a respeito do indivíduo brasileiro, mas que esse indivíduo realmente existiu e provavelmente se desenvolveu até os dias atuais, ao ponto de também ter sido notado nas ideias de Gilberto Freyre. E que as ideias que definem o conceito de “Democracia Racial” se perdem na contradição do público e o privado.

Foi usado aqui uma estratégia centrada em uma abordagem analítica dos livros “Raízes do Brasil” de Sérgio Buarque de Holanda, e “Casa Grande & Senzala” de Gilberto Freyre. Procurando construir uma síntese das características mais importantes para o objetivo desse trabalho.

Esse trabalho está dividido em cinco seções, a primeira é esta introdução que fazemos agora.

A segunda seção faz um breve relato sobre as vidas e as obras de Sergio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre. A terceira seção apresenta a origem do termo “Homem Cordial”. A quarta seção apresenta a interpretação do conceito de Homem Cordial segundo Sergio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre, e na quinta seção apresentamos as considerações finais.

A análise das duas obras possibilitou identificar a presença simultânea do conflito entre o público e o privado, foi possível também identificar no texto “Casa Grande & Senzala” a existência de um indivíduo que se distância da racionalidade. E por fim, confirmamos a percepção defendida por muitos autores de que a ideia de uma convivência harmoniosa entre as raças é um mito.

2. SERGIO BUARQUE DE HOLANDA E GILBERTO FREYRE: BREVES NOTAS SOBRE A VIDA E OBRA

2.1 SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

Sérgio Buarque de Holanda, nascido em 1902, paulista de uma família de classe média. Iniciou-se como escritor em meados de 1920, aos 18 anos de idade, através das suas primeiras publicações no Correio Paulistano. Aos 19 anos de idade já era membro atuante do movimento modernista. Nesse momento, ele pode ter contato com outros grandes escritores como, Mario de Andrade, Oswald de Andrade e outros grandes nomes da vida artística e cultural do Brasil. Em 1921, juntamente com a sua família, fixam nova residência no Rio de Janeiro, onde se forma em direito em 1925 e continua os seus trabalhos como jornalista, comentarista, crítico literário e editor. Em 1929, foi correspondente em Berlim do jornal “*O Jornal*”. Na Alemanha, Sérgio Buarque de Holanda frequentou diversos cursos na universidade de Berlim, escreveu para a revista da Câmara de Comercio (Brasil - Alemanha), foi tradutor de vários filmes alemães para o português. Com Anne Margerithe Ernst, ele teve um filho, Sérgio Georg Ernst². Voltou para o Brasil em 1931 e continuou a trabalhar como jornalista, mas de acordo com Iglésias (2002, p.132) ele queria mesmo é ser um historiador³. Ao desembarcar no Brasil, de posse de um extenso material manuscrito com uma análise sobre o continente americano.

De acordo com Costa (2014)⁴, Sérgio Buarque de Holanda encontrou nesse material, matéria prima para escrever pelo menos dois capítulos de “Raízes do Brasil”. Em 1936 foi nomeado professor na Universidade do Rio de Janeiro, ficando lá até 1939, quando o governo fecha a universidade, nesse mesmo

² De acordo com COSTA (2014), Sérgio Georg Ernst, foi dado em adoção, faleceu em 1981 na Alemanha Oriental, existem documentos que comprovam as várias tentativas de Sérgio Buarque de Holanda de repatriar ao Brasil o seu filho, mas como naquele momento o governo alemão exigia o atestado de arianismo, e claro que não se tinha tal documento, levando-se em consideração o crescente aumento das tensões da chegada de uma segunda guerra, nada pode ser feito. Ainda não é possível dizer as causas da adoção e também se Sérgio Buarque de Holanda planejava voltar a Alemanha para se reunir em família com a Anne Margerithe Ernst, o que se sabe é que o seu filho nasceu durante a sua viagem de volta ao Brasil.

³ Francisco Iglésias. História e literatura. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 132.

⁴ Professor de sociologia da América Latina do Department of Political and Social Science, Institute for Latin America Studies, Freie Universität Berlin e pesquisador associado do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap), São Paulo

ano casou-se com Maria Amélia Alvin, com quem conviveu até 1982, tendo quatro filhos. Em 1946 se muda para São Paulo, em 1957 foi professor de história da Universidade de São Paulo, onde fundou o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB).

Em 1969 deixa a USP, e pede a aposentadoria antes do tempo normal em protesto à cassação de colegas pela ditadura militar. Foi professor convidado na Universidade de Roma (1952), Universidade do Estado de Nova York (1965), Universidade de Yale (1966), Universidade de Columbia (1965) e a Universidade de Harvard (1966), entre outras. Foi membro fundador do Partido dos Trabalhadores (PT) pouco antes de sua morte em 1982. As suas principais obras foram, *Cobra de Vidro* (1934), *Monções* (1945), *Visões do Paraíso* (1958) e *Raízes do Brasil* (1936). Para Sérgio Buarque de Holanda, a leitura do Brasil desde a sua colonização, é marcada pela herança negativa que os portugueses nos deixaram, heranças essas adquiridas ao longo de anos e anos de convivência com os povos ibéricos. As suas ideias são apresentadas em *Raízes do Brasil*, obra publicada em 1936. Entre tantas características herdadas o autor destaca o “cordialismo” como sendo a principal, usando as palavras do próprio Holanda (2015, p 176), “*Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização, será de cordialidade – daremos ao mundo o homem cordial*”, (*Raízes do Brasil*, p 176). Segundo essa característica, a formação do povo brasileiro foi forjada através de anos e anos de convivência social e cultural onde o seu produto é o ser que agia mais pela emoção do que pela razão, esse é o Homem Cordial, um homem que prioriza relações privadas ao invés de relações públicas. Segundo Holanda (2015), o cordialismo presente na formação e composição do povo brasileiro é uma barreira natural ao desenvolvimento de uma nação forte. E dessa forma o Brasil não pode experimentar o progresso social político e econômico necessário para a superação de barreiras rumo a uma situação de nação desenvolvida.

2.2 GILBERTO FREYRE

Gilberto Freyre nasceu em 1900, no Recife, capital do estado de Pernambuco. Foi artista plástico, jornalista, cartunista e escritor. Nos anos 20 se formou em Ciências Sociais e Artes nos Estados Unidos. Em 1922 apresenta a sua tese de mestrado sobre o nordeste brasileiro, isso ainda com pouco mais de 20 anos de idade. Retornou ao Brasil em 1924, no entanto ficou pouco tempo, após a revolução de 1930 ele teve que retornar para os Estados Unidos, em 1931 foi professor da Universidade de Stanford. Foi para a Europa alguns anos depois e então, em 1932 retornou ao Brasil, e a partir de então se dedicou a escrever a sua grande obra, “*Casa-Grande & Senzala*”.

Em 1949 foi eleito deputado federal pela UDN (União Democrática Nacional), foi um ativista na luta em defesa do combate ao racismo, foi preso em 1942. Em 1954 esteve na ONU militando contra os conflitos raciais, em 1971 recebeu da rainha Elizabeth o título de Sir, tornando-se Cavaleiro do Império Britânico. Em 1986 morre na cidade do Recife, em Pernambuco. A sua interpretação se concentra no processo de miscigenação da população brasileira. Para Gilberto Freyre, no seu livro “*Casa-Grande & Senzala*”, foi exatamente a facilidade com a qual os portugueses demonstraram em se adaptar rapidamente a formas culturais diferentes, de povos tão diferentes, como no caso do índio e o negro, que tornaram possível o sucesso da colonização, no entanto essa miscigenação já tinha (em certo grau) sido trazida de Portugal com características encontradas nos mouros e nos judeus. No Brasil, essa mistura, acrescida dos índios e negros, assume uma versão tropical. Com isso Gilberto Freyre rebate críticos e defensores da tese de que somente um Brasil hegemônico, sem mistura de raças, é que poderia trilhar um caminho de desenvolvimento e crescimento econômico, esse pensamento era quase um paradigma na época. *Casa-Grande & Senzala*, assim também como outras obras dos interpretes do Brasil, é riquíssima em detalhes que nos permitem as mais variadas análises. Um tema que surgiu dessa obra, tornando-se inclusive uma polêmica, é a ideia de “*Democracia Racial*”, apesar desse termo não ser citado pelo autor⁵, os seus escritos estão recheados de passagens que deixam claro que Gilberto Freyre via na miscigenação um enorme êxito em tornar o Brasil um país hegemônico do ponto de vista racial, e por assim, sem a situação de supremacia de uma raça em relação a outra, no entanto muitos são aqueles que veem nisso tudo um “*Mito*”, mais à frente voltaremos a falar da *Democracia Racial*, tentando identificar nesse processo o cordialismo de Sergio Buarque de Holanda.

⁵ Em uma entrevista concedida à revista *Veja*, em 1970, Gilberto Freyre foi questionado se o Brasil seria uma democracia racial perfeita, esse status daria a entender que isso só seria possível em um país com uma sociedade livre de preconceitos de raça e cor, sendo então o Brasil a nação que mais estaria próxima de uma configuração dessa natureza.

3. O TERMO “HOMEM CORDIAL”

3.1 A ORIGEM DO TERMO “HOMEM CORDIAL”

É muito comum aos leitores encontrarem na literatura a associação do termo “Homem Cordial” aos trabalhos de Sérgio Buarque de Holanda, na verdade, esse termo surgiu em 1931, em uma carta escrita pelo jornalista, poeta e funcionário do consulado brasileiro em Marselha, Ribeiro Couto (1898 - 1963), e enviada ao poeta e diplomata mexicano Alfonso Reyes (1889-1959), com o objetivo de cumprimentá-lo pela iniciativa de ser o editor da revista mexicana Monterrey.

Então é nessa carta, datada do dia 07 de março de 1931, que Ribeiro Couto cita pela primeira vez o Homem Cordial, apresentando-o como o resultado da fusão do homem ibérico e os homens primitivos e secundários das novas terras tropicais. Esse documento, hoje faz parte do acervo do Museu Ribeiro Couto, sob a guarda do Arquivo de Literatura da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, logo abaixo temos a transcrição dessa carta:

“O verdadeiro americanismo repele a idéia de um indianismo, de um purismo étnico local, de um primitivismo, mas chama a contribuição das raças primitivas ao homem ibérico; de modo que o homem ibérico puro seria um erro (classicismo) tão grande como o primitivismo puro (incultura, desconhecimento da marcha do espírito humano em outras idades e outros continentes). É da fusão do homem ibérico com a terra nova e as raças primitivas, que deve sair o ‘sentido americano’ (latino), a raça nova produto de uma cultura e de uma intuição virgem – o Homem Cordial. Nossa América, a meu ver, está dando ao mundo isto: o Homem Cordial. O egoísmo europeu, batido de perseguições religiosas e de catástrofes econômicas, tocado pela intolerância e pela fome, atravessou os mares e fundou ali, no leito das mulheres primitivas e em toda a vastidão generosa daquela terra, a Família dos Homens Cordiais, esses que se distinguem do resto da humanidade por duas características essencialmente americanas: o espírito hospitaleiro e a tendência à credulidade. Numa palavra, o Homem Cordial. (Atitude oposta do europeu: a suspicácia e o egoísmo do lar fechado a quem passa). (Como é bom, nos pueblos e aldeias da nossa América, no seu México como no meu Brasil, mandar entrar o caixeiro-viajante francês que vende peças de linho, ou o engenheiro alemão que está estudando a geologia local, e convidá-lo para almoçar! A gente grita logo lá para dentro: – Ó fulana, manda matar uma galinha!) ... O fato, porém, é que se não somos latinos, nós, oriundos da aventura peninsular celtibérica em terras americanas (alimentada pelas redes nupciais de índias bravias e pela sensualidade dócil de negras fáceis), se não somos latinos, somos qualquer coisa de muito diferente pelo espírito e pelo senso da vida cotidiana. Somos povos que gostam de conversar, de fumar parados, de ouvir viola, de cantar modinhas, de amar com pudor, de convidar o estrangeiro a entrar para tomar café, de exclamar para o luar em noites claras, à janela: – Mas que luar magnífico! Essa atitude de disponibilidade sentimental é toda nossa, é ibero-americana... Observável nos nadas, nas pequeninas insignificâncias da vida de todos os dias, ela toma vulto aos olhos do crítico, pois são índices dessa Civilização Cordial que eu considero a contribuição da América Latina ao mundo”⁶. (Marselha, 7-III-931, Ribeiro Couto).

O Homem Cordial, apresentado por Ribeiro Couto, um símbolo da fusão do homem ibérico com o os primitivos que habitavam a América, resultando em um novo homem, uma nova cultura, baseada na confiança e na hospitalidade, características contrárias à “*suspiciácia*” e ao “*egoísmo do lar fechado*” citadas na carta. Esse tipo de comportamento social, levanta o questionamento do que seria o ideal, e Sérgio Buarque de Holanda então constrói o conceito no capítulo 5 de sua obra, partindo da ideia de contradição entre o público e o privado, entre a família e o estado. Ele usa o conflito de Antígona e Creonte, como o exemplo mais fiel ao discurso analítico sobre essa contradição, do estado contra a família.

3.2 ANTÍGONA E CREONTE.

Ele recua no tempo e espaço, saindo de um universo para outro, para nos trazer a ilustração narrativa de um dos episódios míticos mais famosos da filosofia, “o conflito entre Antígona e Creonte”, com o objetivo de nos fazer entender o conflito entre família e Estado. Antes, farei uma breve descrição desse momento épico da filosofia, preciso nesse momento dizer que se trata de um mito, e como tal, existem algumas outras versões, no entanto essas versões trazem consigo as mesmas características românticas, tornando possível que se faça nesses textos a mesma leitura.

Antígona era filha do rei Edipo de Tebas, ela tinha um bom coração, quando o seu pai foi expulso do reino ela o acompanhou por vários anos. Ela tinha dois irmãos, Polínicos e Eteocles. Seus irmãos foram escolhidos para reinar alternadamente, mas após o término do primeiro reinado, Eteocles não quis passar o reinado para seu irmão, os dois travaram um duelo que acabou os levando a morte. Com a morte dos regentes de Tebas, o tio deles por parte de mãe, Creonte, assume o comando se auto proclamando rei de Tebas. Logo Creonte ordena o sepultamento de Eteocles, e proíbe que Polínicos seja enterrado em Tebas, não enterrar um corpo era naquela época algo muito grave para a religião grega, mesmo recebendo o apelo de várias pessoas Creonte se mantém rígido em sua decisão. Quando Antígona soube do ocorrido, mandou que se preparasse

⁶ Carta de Ribeiro Couto ao amigo Afonso Reyes, contendo a expressão Homem Cordial, eternizada em Raízes do Brasil, o original encontra-se no acervo do Museu Ribeiro Couto no Rio de Janeiro. Disponível na Academia Brasileira de Letras, pelo endereço: <https://www.academia.org.br/abl/media/prosa44c.pdf>.

uma cerimônia de cremação do corpo de Polínicos, mas quando Creonte ficou sabendo do que Antígona tinha feito, condenou ela a morte, mandou que ela fosse enterrada viva. Mas o filho de Creonte, Hemon, ao tomar conhecimento da brutalidade de seu pai, cuidou em casar-se em segredo com Antígona, e mesmo dando a entender a seu pai que ele concordava com a sentença, tendo que ser ele próprio o executor e talvez o carrasco, levou ela em segredo para viver escondida em algum lugar distante. Quando Creonte descobriu condenou Hemon a morte. Creonte, o rei de Tebas, avia matado o seu próprio filho, e isso foi demais para a consciência de Creonte, ele se arrependeu dessa ordem e de outras decisões tomadas. Com pouco tempo depois, Antígona, acompanhada de seu filho, e neto de Creonte, são chamados por Creonte para morar no reino⁷.

Creonte havia então entendido que as relações familiares deveriam estar acima de qualquer relação interpessoal baseada em poder, são essas relações familiares que nos ajudam a enfrentar todas as dificuldades da vida. Antígona, ao desobedecer às leis de Creonte, demonstrou ser uma defensora das leis divinas, criadas muito antes das leis dos homens. Creonte por sua vez via grande risco para ele de perder o controle da situação política de Tebas. A leitura que fazemos do mito descrito acima é um retrato das normas e leis sociais que condicionam a vida dos seres humanos, devemos seguir a postura assumida por Antígona (e seguir as nossas tradições culturais e familiares) ou devemos seguir as ideias de Creonte? A postura de Antígona, é o respeito pela vida humana, respeito pela igualdade e o amor entre os seres humanos, Creonte representa o Estado e toda a sua estrutura de poder, as suas leis, a obediência à sua autoridade acima do direito natural da humanidade e acima da precedência dos laços familiares. Essa história mitológica descreve o início da democracia para os gregos, o início de uma contraposição dos seus ideais em relação aos ideais dos deuses gregos.

O autor usa a metáfora de Antígona e Creonte para mostrar que o conflito entre família e Estado é o conflito onde uma lei geral tenta se sobrepor a uma lei particular, a lei geral então representada pelas vontades de Creonte, representando o Estado e a lei particular representada pelas ações de Antígona, representando a família. Essa relação conflitiva, coloca o Estado acima da família, mas apenas em um caráter formal, isso porque de acordo com Sergio Buarque de Holanda as leis particulares, formadas em um ambiente familiar, são superiores, pois essas leis têm em sua composição, a existência de laços de sangue e coração. Com base nisso, Holanda (2015, p176) afirma que “*as relações que se criam na vida doméstica sempre fornecem o modelo obrigatório de qualquer composição social entre nós*”, (Raízes do Brasil, 27ª edição, página 176, 2015). Esse modelo de família, denominado de “*Família Patriarcal*” onde o patriarca, o pai, é responsável por todos, cuida dos filhos, da esposa e de todos que assim ele o considerar como parte integrante de seu grupo.

4. A INTERPRETAÇÃO DO HOMEM CORDIAL EM SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA E GILBERTO FREYRE

4.1 O HOMEM CORDIAL DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

Em 2002, o historiador Ronaldo Vainfas, publicou um artigo esclarecendo o equívoco de interpretação muito comum aos leitores quando da interpretação do termo “Homem Cordial”, apresentado por Sergio Buarque de Holanda. O conceito de cordialidade, segundo Sergio Buarque de Holanda, diz respeito a um “ser” emotivo, um homem sensível, que faz julgamentos guiados pelo coração, pela emoção, e não uma cordialidade que se revela como uma bondade, manifesta no comportamento humano.

Sergio Buarque de Holanda, esclarece que esse “ser” cordial também pode demonstrar comportamentos que fogem completamente de algo que seja “bondoso” ou “bonito”, podendo esse ser se revelar como um homem que pode inclusive violento, perigoso. Esse comportamento baseado em uma “cordialidade”, segundo Holanda (2015), era produto de um modo de convivência social, que tinha a sua origem dentro da própria família, em um movimento constante de nascimento. Esse modo de convivência social, era originário das terras além-mar, mais precisamente, proveniente de Portugal. E quando o processo de colonização teve início, esse modelo de família patriarcal foi aqui introduzido. Durante o século XIX, era comum acreditar-se na ideia de que a família era vista como o início de um processo evolutivo que terminaria com a formação do Estado. Esse processo de transformação ocorreria sem ruídos, de uma forma

⁷ Resumo extraído do blog “Eventos Mitologia Grega”, Belo Horizonte – MG, 20/09/2011, disponível em: <http://eventosmitologiagrega.blogspot.com/2011/09/antigona-e-creonte-aprendendo-com.html>. É importante salientar que existe uma outra versão em que Antígona é presa em uma caverna para ali morrer, mas acaba não aguentando e se enforca. O filho de Creonte se mata após tentar matar o pai, o outro filho dele (Creonte) morre na guerra e Eurídice se suicida.

harmônica. No entanto, Holanda (2015, p169) afirma que “*Só pela transgressão da ordem doméstica e familiar é que nasce o estado e que o simples indivíduo se faz cidadão, contribuinte, eleitor elegível, recrutável e responsável, ante as leis da cidade*”, *Raízes do Brasil*, 27ª edição, página 169, 2015.

Suas críticas procuram desconstruir a ideia de que a família viria a ser uma versão simplificada do Estado ou que o Estado seria uma derivação da família em seu processo evolutivo. E assim, esse cidadão cordial, passa a preencher todas as fileiras da iniciativa privada e pública, criando um país cujos habitantes não apresentam as características mais apropriadas ao desenvolvimento de uma formação econômica as bases de um sistema capitalista.

Sérgio Buarque de Holanda acabou recebendo algumas críticas em relação ao seu conceito de Homem Cordial, logo após o lançamento da primeira edição de *Raízes do Brasil*, o escritor Cassiano Ricardo, publicou em seu livro que a definição de cordial, da forma como fora apresentada por Sérgio Buarque de Holanda, representaria o contrário do termo “*polido*”, e isso para Cassiano não tinha sentido, pois para ele cordial se refere exatamente a polido. Cassiano ainda afirma que Sérgio Buarque de Holanda vez uso da expressão “cordial” de uma forma equivocada, isso porque ele acabara por alterar a definição da palavra ao longo do livro. Sérgio Buarque de Holanda se justifica:

A expressão é do escritor Ribeiro Couto, em carta dirigida a Alfonso Reyes e por este inserta em sua publicação Monterey. Não parecia necessário reiterar o que já está implícito no texto, isto é, que a palavra “cordial” há de ser tomada, neste caso, em seu sentido exato e estritamente etimológico, se não tivesse sido contrariamente interpretada em obra recente de autoria do senhor Cassiano Ricardo onde se fala no Homem Cordial dos aperitivos e das “cordiais saudações”, “que são fechos de cartas tanto amáveis como agressivas”, e se antepõe a cordialidade assim entendida “o capital sentimento” dos brasileiros, que será a bondade e até mesmo certa “técnica da bondade”, “uma bondade mais envolvente, mais política, mais assimiladora”. Feito esse esclarecimento e para melhor frisar a diferença, em verdade fundamental, entre as ideias sustentadas na referida obra e as sugestões que propõe o presente trabalho, cabe dizer que pela expressão “cordialidade”, se eliminam aqui, deliberadamente, os juízos éticos e as intenções apologéticas a que parece inclinar-se o sr. Cassiano Ricardo, quando prefere falar em “bondade” ou em “homem bom”. Cumpre ainda salientar que essa cordialidade, estranha, por um lado, a todo formalismo e convencionalismo social, não abrange, por outro, apenas é obrigatoriamente, sentimento positivos e de concórdia. A inimizade bem pode ser tão cordial como amizade, nisto que uma ou outra nascem do coração, procedem assim da esfera do íntimo, do familiar, do privado. Pertencem, efetivamente, para recorrer a termo consagrado pela moderna sociologia, ao domínio dos “grupos primários”, cuja unidade, segundo observa o próprio elaborador do conceito, “não é somente de harmonia e amor”. A amizade, desde que abandona o âmbito circunscrito pelos sentimentos privados ou íntimos, passa a ser, quando muito, benevolência, posto que a imprecisão vocabular admita maior extensão do conceito. Assim como a inimizade, sendo pública ou política, não cordial, se chamara mais precisamente hostilidade. A distinção entre inimizade e hostilidade, formulou-a de modo claro Carl Schmitt recorrendo ao léxico latino: “Hostis is est cum quo publice bellum habemus [...] in quo ab inimico differt, qui est is, quocum habemus privata odia...” Carl Schmit, *Der Begriff des Politischen*, Hamburgo, s.d [1993], p, II⁸.

4.2 O HOMEM CORDIAL DE GILBERTO FREYRE

Em nenhum momento no desenrolar de sua obra, *Casa Grande & Senzala*, Gilberto Freyre usa os termos “cordial” ou “cordialismo”, mas assim como Sérgio Buarque de Holanda, ele faz uma interpretação do Brasil, abordando as características (religião, hábitos alimentares, hábitos sexuais, e outros) inerentes ao processo de formação social, e nesse contexto, assim como em “*Raízes do Brasil*”, ele aborda o homem (e seu cordialismo) acostumado ao que ele chamou de “mandonismo” em uma esfera onde o público e o privado são elementos também presentes nas relações sociais. No entanto, diferente de Sérgio Buarque de Holanda, a leitura resultante desse cordialismo era que, essa era uma característica benéfica a formação do povo. Em *Raízes do Brasil*, o “homem cordial” é um ser emotivo que pode inclusive se comportar violentamente, gerando prejuízo a outros indivíduos, um ser imprevisível. Esse cordialismo, em Gilberto Freyre também produz um homem polido, mas aqui, um homem acolhedor e afetivo, um homem que cria ao seu redor toda uma cadeia de intimidade. Esse cordialismo nascido no meio da família patriarcal, esteve presente em todo o processo de criação do sistema responsável pela formação social do Brasil, foi a família patriarcal a base de todo o resto. Aqui, o homem cordial não oferece riscos a sociedade, ele é o elemento benéfico.

4.3 SINAIS DE CORDIALISMO NA CASA GRANDE & SENZALA

Partindo-se das ideias de Sérgio Buarque de Holanda, o nosso Homem Cordial, um ser sentimental, livre de racionalismo, um produto de um modelo de família patriarcal, assume na sua análise o status de

⁸ Nota de rodapé, nr 06, *Raízes do Brasil*, 27ª edição, página 176, 2015. Nessa citação, o autor aproveita para além de informar que o termo “Homem Cordial” não é de sua autoria, ele também esclarece pontos de críticas recebidas do Escritor Cassiano Ricardo, em outras edições (acredito que na primeira e terceira) essas respostas de Sérgio Buarque de Holanda podem ter ocorrido em outras partes do texto.

“elemento prejudicial” ao processo de desenvolvimento econômico e social. Segundo essa visão, a família patriarcal e seu produto, são nocivos a sociedade. No caso de Gilberto Freyre (apesar de em nenhum momento falar de cordialismo ou homem cordial), se refere a família patriarcal como um elemento primordial para o sucesso do processo de colonização e formação social. De acordo com MARÇOLA (2005), Gilberto Freyre afirma que o patriarcalismo é o melhor modelo de convivência para uma sociedade em formação como a que existia naquele momento, ele acreditava que só através dele seria possível gerenciar toda as questões voltadas ao uso de escravos como mão de obra, em sua visão, os escravos foram agraciados com o apoio durante e depois a sua vida útil, recebendo alimentação e cuidados na velhice. Gilberto Freyre ao descrever o seu posicionamento, se apresentava simpático aos valores patriarcais, e atribuía a eles, o sucesso da colonização.

Tenhamos a honestidade de reconhecer que só a colonização latifundiária e escravocrata teria sido capaz de resistir aos obstáculos enormes que se levantaram à civilização do Brasil pelo europeu. Só a casa-grande e a senzala. O senhor de engenho rico e o negro capaz de esforço agrícola e a ele obrigado pelo regime de trabalho escravo. (Casa-Grande & Senzala, 51ª edição, página 323, 2015).

Assim como, Sérgio Buarque de Holanda, via na família patriarcal a representação de todo o sistema econômico da época, Gilberto Freyre tinha na sua ideia de Casa Grande e mais a senzala o abrigo do patriarcalismo e, portanto, da família patriarcal, a representação desse sistema, ele afirma que:

A casa-grande, completada pela senzala, representa todo um sistema econômico, social, político: de produção (a monocultura latifundiária); de trabalho (a escravidão); de transporte (o carro de boi, o banguê, a rede, o cavalo); de religião (o catolicismo de família, com capelão subordinado ao pater famílias, culto dos mortos, etc.); de vida sexual e de família (o patriarcalismo polígamo); de higiene do corpo e da casa (o ‘tigre’, a touceira de bananeira, o banho de rio, o banho de gamela, o banho de assento, o lava-pés); de política (o compadrismo). Foi ainda fortaleza, banco, cemitério, hospedaria, escola, santa-casa de misericórdia amparando os velhos e as viúva, recolhendo órfãos... (Casa-Grande & Senzala, 51ª edição, página 036, 2015).

Assim, Gilberto Freyre acaba valorizando o modelo de colonização desenvolvido por Portugal, porque segundo ele, assim foi possível viabilizar o surgimento de uma estrutura social, econômica, política e étnica, e tudo isso tendo como base a família patriarcal.

A família; não o indivíduo, nem tão pouco o Estado, nem nenhuma companhia de comércio; é desde o século XVI, o grande fator colonizador no Brasil, a unidade produtiva, o capital que desbrava o solo, instala fazendas, compra escravos, bois, ferramentas, a força social que se desdobra em política, constituindo-se na aristocracia colonial mais poderosa da América... (Casa-Grande & Senzala, 51ª edição, página 081, 2015).

Fica então evidente a importância que a família patriarcal teve para Gilberto Freyre, na formação social, cultural e econômica do nosso povo. Outra passagem textual que deixa evidente também a presença de cordialismo é a que ele se refere ao surgimento da sociedade a partir de um sistema patriarcal e escravocrata, onde leis surgem de cima para baixo sem ter embasamento em toda a sociedade. Revelando o que poderia ser o privado superando o público, os interesses particulares acima dos interesses coletivos, a cordialidade propriamente dita, o homem emotivo.

“Quanto a lei portuguesa ter considerado infames os que se ligassem a caboclas e negras - quando é que as leis de proibição, portuguesas e brasileiras, foram escritas para serem cumpridas à risca? (Casa-Grande & Senzala, 51ª edição, página 502, 2015).

Mesmo que essa cordialidade leve o homem a uma irracionalidade absurda, desumana, ferindo a sua própria unidade patriarcal, esse é o cordialismo de Sérgio Buarque de Holanda, presente nas seguintes palavras:

“As meninas criadas em ambiente rigorosamente patriarcal, estas viveram sob a mais dura tirania dos pais - depois substituída pela tirania dos maridos”. (Casa-Grande & Senzala, 51ª edição, página 510, 2015).

Acima, sadismo por parte dos pais, e o masoquismo, nesse caso não atribuído as esposas, mas presentes na concepção de Gilberto Freyre, nos escravos (que absurdo) são características presentes nas relações interpessoais, segundo Freyre, o mandonismo e o autoritarismo constituem a forma mais eficiente de organização em uma sociedade onde o privado se sobrepõe ao público.

Um outro ponto que merece destaque, é sobre a existência de uma “Democracia Racial”. Como já dissemos no começo desse artigo, o Gilberto Freyre não descreve em seu texto que o Brasil vive tal status, mas que dá a entender que isso é bem provável em suas ideias. No entanto se for verdade que o Brasil alcançou

esse status, nós temos uma sociedade formada de indivíduos com vontades particulares que se sobrepõem as vontades de um grupo, são indivíduos mandantes em suas relações. Quando Gilberto Freyre diz que as relações entre os senhores e os seus escravos domésticos foram recheadas de doçura e confraternização de sentimentos, nos dá uma ideia de que o público supera o privado. Mas em uma democracia racial podemos deduzir a existências de vontades particulares, então dessa forma não se justifica a tal democracia.

Mas se nessa relação existir um lado mandante, os senhores acima dos escravos, criando uma falsa sensação de harmonia nesses interesses, aí teríamos uma Democracia para inglês ver, uma ideia de democracia plantada, intencionalmente para justificar a ideia de que o mandonismo deveria ser a melhor opção. Temos aí no mínimo uma contradição, Democracia Racial em um mundo forjado pelo mandonismo, baseada no sadismo por parte dos senhores e um suposto masoquismo por parte dos escravos. Gilberto Freyre disse:

Resultado da ação persistente desse sadismo, de conquistador sobre conquistado, de senhor sobre escravo, parece-nos o fato, ligado naturalmente à circunstância econômica da nossa formação patriarcal, (Casa-Grande & Senzala, 51ª edição, página 114, 2015).

Como em uma democracia racial, uma classe que tem que se submeter ao mandonismo pode encontrar igualdade, e pior, em um ambiente de sadismo e masoquismo:

Mas esse sadismo de senhor e o correspondente masoquismo de escravo excedendo a esfera da vida sexual e doméstica, tem-se feito sentir, através da nossa formação, em campo mais largo: social e político. Cremos surpreendê-los em nossa vida política, onde o mandonismo tem sempre encontrado, vítimas em quem exercer-se com requintes às vezes sádicos. (Casa-Grande & Senzala, 51ª edição, página 114, 2015).

Defender a existência de uma Democracia Racial, em um ambiente em que as raças têm de conviver com o português exercitando a sua prerrogativa natural de raça que manda, baseada em sadismo, trazendo à tona o cordialismo até desumano, ferindo a própria unidade patriarcal, a família, temos uma estabilidade forçada e não um equilíbrio de raças.

4.4 O CORDIALISMO NA DEMOCRACIA RACIAL

Seguindo a lógica das ideias apresentadas por Gilberto Freyre, sobre o que ele denominou de a “Democracia Racial”, qual a participação do cordialismo nesse processo descrito? Ao descrever tal democracia, o autor cria uma série de narrativas que tentam negar a história, os fatos, a situação a qual os negros eram submetidos, todas sem sucesso, é impraticável o exercício mental de aceitação de tais ideias.

A própria leitura do termo “democracia” é uma tentativa de atribuir a escravidão no Brasil um status de um falso equilíbrio entre as “raças”, brancos e negros, vivendo harmoniosamente. A ideia de que os negros no Brasil sofreram menos que os escravos de outros países, a exemplo dos escravos nos EUA, refletem uma narrativa criada com o objetivo de servir de convencer a sociedade de que nada estava acontecendo que não fosse benéfico ao processo de formação da sociedade naquela época.

De acordo com BERNARDINO (2002), esse “mito” construído, de que no Brasil vivia-se uma democracia racial, foi reforçado pelo diálogo entre abolicionistas brasileiros e norte-americanos no século XIX, onde o Brasil era visto como um paraíso para o escravo quando comparado a situação dos escravos nos Estados Unidos:

Duvido que tenha jamais existido um povo mais tiranizado, mais desavergonhadamente pisado e impiedosamente usado, do que as pessoas livres de cor destes Estados Unidos. Mesmo um país católico como o Brasil [...] não trata as suas pessoas de cor, livres ou escravas, do modo injusto, bárbaro e escandaloso como nós as tratamos [...]. A América democrática e protestante faria bem em aprender a lição de justiça e liberdade vinda do Brasil católico e despótico. (Douglas apud Azevedo, 1996:155).

Assim, criava-se uma distração para encobrir um processo de limpeza étnica, parece um termo um tanto pesado, mas totalmente coerente com o tratamento dado aos negros naquela época. Muitos autores relatam que o objetivo era tornar a população brasileira (que até então era predominantemente formada por negros) uma população predominantemente branca.

Gilberto Freyre defende que um processo de miscigenação (um processo que deve ser espontâneo) favoreceria os brancos, ele acreditava que características genéticas fariam com que os brancos prevalecessem sobre os negros.

De acordo BERNARDINO (2002), as ideias de “embranquecimento” da população brasileira, levavam a uma gradual eliminação dos negros, que em tese, acreditava-se que a população branca iria naturalmente absorver os negros. No entanto não é difícil de ver que tais argumentos são insustentáveis. Se o objetivo era criar uma sociedade livre dos negros, os fatos relatados pela história, e na própria obra de Sergio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, não é estranho presumir que os senhores de escravos tentaram ajudar os brancos nesse processo de miscigenação, tamanho eram as crueldades praticadas com os escravos. Assim, mais uma vez vemos os elementos característicos da família patriarcal de *Raízes do Brasil* presentes, o mandonismo e o masoquismo, trazendo o conflito do privado (através da manifestação de interesses pessoais, autoritários) com o público (aceitar presença do negro no processo de construção da sociedade brasileira). A presença do cordialismo de Sergio Buarque de Holanda é visível até após a abolição da escravatura, uma vez que o processo de “limpeza étnica” (apesar de ter uma menor intensidade, se revelando menos violento) ainda persiste, dessa vez através da enorme carga de preconceito que caía sobre eles.

Atribuir aos negros a culpa pelo seu sofrimento era uma forma de dizer que o branco continua a exercer a sua hegemonia, a estratégia agora era deixar o negro a própria sorte, em um novo contexto, onde o trabalho escravo fora substituído pelo trabalho assalariado, excluídos e afastados do seio social, vivendo a fome, a miséria e todo o tipo de degradação. Aqui o cordialismo nos é apresentado na figura do branco, aquele ser descrito por Sergio Buarque de Holanda, que poderia até ser bondoso, mas que infelizmente se mostra na *Democracia Racial* de Gilberto Freyre como um ser perverso, cruel e desumano.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, procuramos de uma forma bem enxuta, tentando exercitar o poder da síntese (abordando as ideias de Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre, em suas respectivas obras, *Raízes do Brasil* e *Casa Grande & Senzala*) identificar na *Casa Grande & Senzala* a presença do nosso Homem Cordial de *Raízes do Brasil*. Assim como dissemos na introdução desse artigo (dada a enorme quantidade de excelentes trabalhos de autores renomados) o nosso objetivo inicialmente não era o de encontrar novos elementos, e assim de fato, nós não os encontramos. Nosso objetivo (em um primeiro momento) era o de abordar os textos das obras, compreendendo esforços para desenvolver uma didática que tornar-se possível a qualquer pessoa de qualquer área, entender os conceitos de Homem Cordial nas visões dos dois autores, e em um segundo momento, procuramos identificar no trabalho de Gilberto Freyre, a presença do indivíduo “Homem Cordial”, e por fim, foi feita uma breve análise das ideias que definem o conceito de “*Democracia Racial*”.

Partimos do conceito de cordialismo em Sérgio Buarque de Holanda, e vimos que a dualidade existente entre o público e o privado também se faz presente em Gilberto Freyre, vimos que passagens textuais em *Casa Grande & Senzala* confirmam a presença de indivíduos com a mesma predisposição a ações que se distanciam da racionalidade, homens que violam leis, que deixam o lado até desumano de um cordialismo guiarem as suas ações. Fica claro mais uma vez que a questão do patriarcalismo para Gilberto Freyre se faz a melhor condição para o país, e para o Sérgio Buarque de Holanda é danoso pois produzira o “Homem Cordial”.

Ao buscarmos a leitura do cordialismo de Sergio Buarque de Holanda nas ideias apresentadas por Gilberto Freyre quando ele aborda a questão da miscigenação de raças, através de sua “*Democracia Racial*”, nos deparamos com uma percepção muito semelhante a leitura feita por muitos teóricos e estudiosos sobre o assunto, de fato o autor constrói um “mito” em torno da ideia de que as raças no Brasil vivem em harmonia. Na verdade, foi possível verificar a existência dos mesmos elementos que permeiam o cordialismo de *Raízes do Brasil*. O mandonismo dos senhores de escravos, os patriarcas das famílias, os colocavam como homens que usam o seu cordialismo para a prática das mais perversas atrocidades contra os negros, agindo por uma emoção maléfica. Se já não é um absurdo pensar que um processo de miscigenação favoreceria a raça branca devido a crença de uma superioridade genética, imaginem então os esforços para manter o negro (mesmo supostamente liberto) vivendo na fome e miséria, excluído da convivência com o branco. Então, foi possível ver a presença do cordialismo de Sergio Buarque de Holanda em vários momentos da *Casa Grande & Senzala*, desde os relatos do cotidiano da época até nas ideias de miscigenação e o mito de uma harmonia das raças, a democracia racial de Gilberto Freyre.

REFERÊNCIAS

- BERNARDINO, Joaze. Ação Afirmativa e a Rediscussão do Mito da Democracia Racial no Brasil. **Estudos Afro-Asiáticos**, 2002; 24 (2).
- BEZERRAB, Elvia. **Ribeiro Couto e o Homem Cordial**. Academia Brasileira de Letras, 2000. <https://www.academia.org.br/abl/media/prosa44c.pdf>
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. Global Editora, 51ª edição, 2006.
- HOLANDA, Sergio Buarque. **Raízes do Brasil**. Companhia das Letras, 27ª edição, 2014.
- LÚCIA. **Antígona e Creonte**. Aprendendo com a experiência. Blog eventos mitologia grega, <http://eventosmitologiagrega.blogspot.com/2011/09/antigona-e-creonte-aprendendo-com.html>
- MARÇOLA, Fernanda Gonçalves. **O que é Cordialidade**. Monografia. Universidade Federal do Paraná. 2005.
- MARSHAL, Francisco. **A Poética da Cordialidade**. UFSM em 2017.
- SCALDAFERROS, Maikon Chaider Silva. A Família e o Estado: Antígona, Hegel e as Raízes do Brasil. **Revista de Filosofia**, volume 14, número 02, páginas 152 a 166, 2016.